



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i29.5676>

(RE)ENCONTRANDO HEIDEGGER: CONVERSAS DESDE A ORALIDADE AFRORREFERENCIADA

(Re)finding Heidegger: conversations from afro referenced orality

Antonio Filogenio de Paula Junior¹

RESUMO

O presente texto é oriundo da disciplina “Ontologia e Ciências Humanas: O Kant de Heidegger” ministrada pelos professores Gustavo Silvano Batista e Eduardo José Marandola Junior entre janeiro e fevereiro de 2024 no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar (ICHSA) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp no *campus* de Limeira-SP. Nele procuro analisar no segundo Heidegger em sua crítica pós-metafísica, portanto após a sua discussão sobre a metafísica kantiana, a maturação da ideia do *Dasein*. Nessa leitura específica de Heidegger destaco o momento, apesar de não conclusivo, em que o Ser aparece como um ser-com, no qual vislumbro a possibilidade de diálogo, de encontro com outras percepções de mundo, entre elas, a oralidade na perspectiva de Amadou Hampaté Bâ. Com isso indico que apesar dos nítidos distanciamentos existem campos proximais, nos quais para a tradição oral ocorre o interesse pelo outro, o que estabelece a base necessária para que a palavra aconteça.

Palavras-Chave: Oralidade, diálogo, encontro, metafísica e natureza.

ABSTRACT

This text comes from the discipline “Ontology and Human Sciences: Heidegger's Kant” taught by professors Gustavo Silvano Batista and Eduardo José Marandola Junior between January and February 2024 in the Interdisciplinary Postgraduate Program (ICHSA) of the Faculty of Applied Sciences (FCA) at Unicamp on the Limeira-SP campus. In it I try to analyze in the second Heidegger in his post-metaphysical critique, therefore after his discussion on Kantian metaphysics, the maturation of the idea of *Dasein*. In this specific reading of Heidegger, I highlight the moment, although not conclusive, in which Being appears as a being-with, in which I glimpse the possibility of dialogue, of encounter with

¹ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Pós-doutorado na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: antoniofilogenio.claretiano@gmail.com



other perceptions of the world, among them, orality from Amadou's perspective. Hampaté Bâ. With this I indicate that despite the clear distances there are proximal fields, in which for the oral tradition there is an interest in the other, which establishes the necessary basis for the word to happen.

Keywords: Orality, dialogue, encounter, metaphysics and nature.

POSSIBILIDADES DE UM (RE)ENCONTRO

Ao me deparar com o convite para participar da disciplina de verão proposta pelo coordenador do Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, fui tomado pela empolgação, mas, também, por um duplo impacto:

*Primeiro no sentido do pensamento heideggeriano aparentemente estar deslocado da realidade humana e social concreta, sobretudo brasileira, a qual me parece que esse autor jamais se interessaria ou daria a menor importância, em especial por algumas escolhas e posicionamentos que manifestou ao longo de sua vida. Apesar de pensar o *Dasein* no mundo, me questionava sobre o alcance dessa percepção de mundo e os seus sujeitos em Heidegger (2012), neste sentido, Heidegger surge para mim com estranhamento e distanciamento. Me ocorre que ele talvez não teria mais o que oferecer, especialmente ao conjunto epistêmico do sul global em uma reflexão com Dussel (2015), pois este eixo sul além de ser negado ao longo da história colonial, permanece ainda um lugar a ser desvelado para uma racionalidade ocidental alheia ao conjunto de elementos epistêmicos contidos em diferentes formas no conjunto cultural constituído na África e América Latina, em nosso caso com ênfase ao Brasil. E, mesmo Heidegger sendo estudado nesses continentes, nem sempre essa reflexão se dá a partir das realidades sociais desses lugares e seus tensionamentos, entre eles aspectos interseccionais que envolvem fatores diversos, tais como raça e gênero. Nesse local, a meu ver, a gritante urgência de uma filosofia da palavra, da oralidade, capaz de ser uma filosofia afro-indígena brasileira. Assim, haveria em Heidegger algo que fizesse sentido para esse modo de fazer filosofia no Brasil? Embora, possa haver nos estudos heideggerianos da linguagem elementos proximais que permitam esse encontro com a oralidade, o que pretendo pesquisar. Lembrando que esse modo de pensar a partir dessas culturas afro-indígenas brasileiras ainda vem se consolidando enquanto campo epistêmico não somente para filosofia, mas para diferentes áreas das ciências humanas e sociais em seus vários desafios. A ideia da Europa como centro e o seu



presente colonial impresso em diferentes partes do mundo fez com que o meu incômodo com Heidegger fosse mais acentuado. Porém, na própria perspectiva da tradição oral se faz necessário o diálogo, toda vez que ele possa surgir.

*O segundo impacto tem relação com o próprio fato da leitura da obra de Heidegger no Brasil ter sido marcada inicialmente pela dificuldade de aproximação com o seu texto, sobretudo em algumas traduções, que na minha percepção confundiam mais do que auxiliavam. Nessa condição apresentava-se um Heidegger sombrio e imerso em alguns conceitos “(in)compreensíveis” ou “superficializados”. Sendo assim, o meu interesse pela fenomenologia se voltou mais aos franceses, preferindo conscientemente me distanciar da leitura de Heidegger, embora um dos meus professores na graduação fosse um “heideggeriano ambientalista”, o que me incentivou a ler o autor indiretamente por outros filtros, principalmente em textos ligados ao ambiente e à teologia. Nesses, a maneira como o pensamento do autor era descrito como próximo da natureza, me inspirava, sobretudo ao pensar a ideia de natureza em Merleau-Ponty (2000). Este não parecia com o Heidegger marcado duramente em partes de sua biografia, como nos apresenta Safranski (2000). Me deparava com alguém que tinha algo que um dia precisaria retomar e (re)conhecer. Foi o que aconteceu com essa disciplina de verão, na qual pude depois de muito tempo me (re)encontrar com Heidegger a partir do meu horizonte de percepções, reflexões e sentidos, com isso, encontrei como dialogar com esse autor.

É sempre relevante destacar a maneira pela qual no Ocidente se descreveu a relação homem e natureza em muitos momentos da história. A sensibilidade de Heidegger (2012) para natureza no fundo ainda é polêmica na perspectiva de ele não conseguir abarcar todas as pessoas, entes humanos em sua diversidade como parte integrada da natureza, principalmente em suas aproximações ao nazismo e outros posicionamentos pessoais no mínimo controversos. No entanto, ao notar a natureza pelos outros seres: animais e plantas em todo seu conjunto biológico, Heidegger nutriu por ela proximidade e sintonia que revelam o quanto se faz necessário pensar na contramão do que estava mais frequente no seu tempo, pois “de acordo com a tradição ocidental dominante, o mundo natural existe para o benefício dos seres humanos. Deus deu a eles o domínio sobre o mundo natural e não se importa com a maneira como o tratamos” (Singer, 2002, p.283). E ainda, “os seres humanos são os únicos membros moralmente importantes desse mundo” (Singer, 2002, p.283). Com isso, “a natureza não tem nenhum valor intrínseco, e a destruição de plantas e



animais não pode configurar um pecado, a menos que, através dessa destruição, façamos mal aos seres humanos (Singer, 2002, p.283).

As reflexões de Peter Singer, filósofo australiano que investiga aspectos da ética e as contradições humanas nas relações que estabelece com o meio revela um parâmetro dos dilemas que o pensamento ocidental tem experienciado em sua relação com a natureza.

Em Heidegger (2012) existe uma busca pela essência do ser humano que remete ao cerne do pensamento europeu na aproximação deste com a natureza, algo que, de certo modo, o prepara para um reencontro com o ser em si mediado pela certeza da morte. A filosofia de Heidegger passível de muitas críticas tem esse destaque em sua fase tardia, na qual se apresenta um homem que em minha reflexão ao analisar o seu envelhecimento perante a história de sua existência se coloca diante da simplicidade e fragilidade temporal que está sobre todos os seres, principalmente ao demonstrar a preocupação com a imanência e a historicidade dos seres. Nessa condição, a meu ver, se apresenta para o autor a iminência da morte.

Desse modo, ele não é conduzido ao fracasso ou desespero, mas à fatalidade do fim da condição biológica em sua configuração no sujeito histórico em si, o ente em sua imanência. O que temos então? Em minha singela reflexão, temos o humano desvelado para si e sendo acolhido em natureza para o cumprimento final de sua historicidade, a morte.

Feita essa descrição inicial das aproximações e distanciamentos a qual me refiro a partir de termos afrorreferenciados, principalmente pela oralidade, mas que remete à muitas outras possibilidades epistêmicas como salienta Barbosa (2020). Desse modo, estabeleço com Heidegger um encontro gigante e *exusíaco* como indica Rufino (2019) em suas reflexões filosófico – pedagógicas inspiradas nos terreiros espirituais de matriz africana e nas ruas do Brasil, portanto um misto de curiosidade, prazer, preocupação e angústia para lidarmos com uma certa perspectiva existencialista da fenomenologia no qual a crise torna-se momento de possibilidades, uma viragem, (vir)ação, vir a ser e *ubuntu* = ser-sendo, estava então posto o cenário no qual a prosa deveria acontecer em um ambiente acadêmico da pós-graduação interdisciplinar, algo estimulante e desafiador por si só.

O ponto de partida da minha reflexão é oriundo de alguns lugares pelos quais transito, sobretudo nas heranças africanas recriadas no Brasil. Tem origem nas “memórias ancoradas em corpos negros”, como diz Antonietta Antonacci (2014), a partir de reflexões



sábias e gritantes da ancestral Beatriz Nascimento (2021) que em suas pesquisas salienta as memórias do corpo ao referir-se aos escravizados africanos dispersos em diferentes localidades, entre elas o nosso país. Apesar de coisificados pelo modelo escravista moderno, a humanidade dos escravizados foi preservada por meio das heranças culturais mantidas.

A denominada sexta região da África ocupa as Américas, o Caribe, a Europa, entre outras paragens que os africanos chegaram. O historiador queniano Ali Mazrui (2010) salienta que aqueles que foram retirados de suas aldeias africanas no século XVI fizeram do mundo uma grande aldeia, principalmente ao inserir modos e formas de ser que tonteiam as maneiras de pensar, na qual a “Virgem Branca do Danúbio Azul” estava acomodada, como diz Gilberto Gil (1978) em sua canção “*Chuck Berry Fields Forever*”, fazendo eco com as reflexões de Mazrui.

O espaço da universidade sendo tornado “pluriversal”, proposição teórica do filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2011), algo presente no desafio interdisciplinar, que, a meu ver é “mágico”, pois apresenta o diverso no próprio modo de pensar capitaneado em cada ente/corpo presente. Nada mais empolgante para o exercício da filosofia da oralidade.

Desse modo, Heidegger foi sendo desvelado ao longo das aulas ao modo que cada um dos participantes da disciplina se aproximava do autor. Estava dada a sinalização do que apareceria para mim como algo de esperança, apesar da dúvida. De acordo com os filósofos estudiosos da filosofia heideggeriana procurando compreender a trajetória do pensamento, chamam de *Kehre*, a viragem, que descrevem o autor com a proposta de um segundo Heidegger em meados dos anos trinta, destaque em seu pensamento nesse período uma volta ao ser em relação, marcada em sua crítica pós-metafísica na qual enfatiza o ser. Algo que durante as aulas foi ficando mais evidenciado.

UMA ONTOLOGIA EM FRENTE A UM ESPELHO DIFUSO

A inspiração que advinha de Heidegger (2012) era para mim um sujeito que ao procurar ultrapassar a relação sujeito-objeto radicava em uma ideia de *Dasein*, algo não mais fixado, mas dado a um vir a ser de sentido em fluxo contínuo de mudanças. Peço licença, mas novamente evoco Gilberto Gil (1989) com seu deus “mu-dança”. Qual será o destino do homem sem a (mu)dança e um deus que não dança? Já nos disse Nietzsche (2018)



de sua desconfiança de um deus que não dança. Bem, as divindades afro-indígenas dançam, comem, bebem e transam sem nenhum problema com alguma moral estranha imposta. O que seria mesmo o demônio ou diabo? Com certeza para as cosmologias afro-indígenas um “estrangeiro esquisito” querendo dividir e atrapalhar a celebração/festa.

Esse para mim é um dos pontos de (re)conhecimento. O que temos em um segundo Heidegger do ser com a natureza? A contemplação no simples, a presença, a existência em e com a natureza, a *physis*, que aparece em teoria e *práxis* naquilo que é meu “campo” de afeições e sentidos na perspectiva da oralidade.

Um espelho, que apesar de difuso é possível perceber semelhanças. Soltando a gargalhada de *Exu* na gira como *Bara*, tudo é dado, basta comer. Será?

Não é tão simples assim, se faz necessário um rito. Sim, nós humanos gostamos de ritos. É necessário deixar apropriado esse momento. Tal como na roça, o povo come e bebe o defunto, aqui, também, pois não é apropriado chegar de mãos vazias ou com tantas desconfianças. Afinal, vamos comer juntos. Não é conveniente uma possível traição de Judas no banquete da comunhão. Seria um fim trágico demais, até mesmo para o mais enfático *niilista* como Emil Cioran (2014).

Prefiro a esperança, o sonho, o encanto possível até no improvável. Que siga a gira em que dançam vivos e mortos, que celebrem lembranças de dores e amores, mas possibilitadas, de algum modo, ao (re)encontro. Não é mais sobre mim, mas sobre nós, eu e tu. Louvações ao velho Martin Buber (1974) ancestre europeu, mas que se torna nosso ente (em)comum.

É preciso sair do adoecimento do sentido a que foi conduzida a pobre-rica Europa em devaneio de alguns dos seus, mas que infelizmente prevaleceu para desconforto de tantas pessoas dentro e fora de suas fronteiras.

Na perspectiva heideggeriana o *Dasein* está no mundo como existência na qual se estabelece a sua história. Esta condição é a que permeia o seu modo de ser, portanto inicia o seu processo ontológico dado a compreender e ser compreendido enquanto situação dada, como ser-situado como diz Marandola Jr. (2021). Não há uma teoria, por mais complexa que seja que dê conta do *Dasein*, a não ser o fato de sua existência enquanto tal, na qual projeta as suas relações intra e extra mundo de si. Vejo no desafio de definir o *Dasein*, o mesmo que a teologia tem em explicar Deus. Desse modo, *Dasein* é processo contínuo de



existir com todas as aventuras e (des)venturas que tal condição implica. O *Dasein* no tempo é historicidade em jogo de compreensão e (des)ilusão na vida fática.

Existe nesse ponto a presença de outros entes como um “*Dasein* desafiador”, porém essencial, já que o próprio existir é a essência e tal como o eu existe, existe o outro como condição dada que se correlaciona visceralmente ao eu. Aqui se configura o que denomino de *Dasein* desafiador, a existência necessária do outro.

Para a tradição oral expressa por Hampaté Bâ (2010) não há situação não entramada no conjunto da vida. Tudo está conectado, sobretudo ao ser humano capaz de projetar e inferir alterações aos fluxos da vida de si e do outro. Ou seja, tudo está em mudança de sentido e foco, o que altera a capacidade de percepção e, conseqüentemente a retomada do si em processo.

Essa é a perspectiva *exusíaca* relacionada ao tempo que virá, mas imaginado e sonhado no está do agora que aparece na bela canção “Aquarela” interpretada pelo músico Toquinho (1983) que “o futuro é uma astronave que tentamos pilotar. Não tem tempo, nem piedade. Nem tem hora para chegar. Sem pedir licença, muda a nossa vida e depois convida a rir ou chorar” enquanto destinação. A tentação do controle, impossível diante do caminho histórico do ser para morte. A certeza na qual todos os projetos perecem e na qual se grafa a busca de dar sentido diante do absurdo.

A gargalhada de *Exu* e a proximidade de *Iku*, a morte, conduz o ser humano ao despertar da sua existência real, a fragilidade de seus planos e a contingência de seu ser-situado enquanto processo e que no vir a ser ele não será exatamente como o ente que tentou determinar. De novo a berlinda dos sonhos, o naufrago de suas esperanças, o vazio. Mas, como desesperançar o projeto desse *ubuntu*, o ser-sendo sem possibilitar-lhe uma porta que aproxime *orun* e *aiye*? A porta do “céu”, das ideias e da continuidade do *Dasein* agora recriado em um vir a ser de memória, de lembrança que se tudo der certo estará no *Dasein* daquele que virá, ocupando seu corpo, encarnado novamente em um novo-velho projeto de sentido e ainda sendo bem lembrado, ancestral. Um *Dasein* subjetivo exteriorizado (no movimento para fora) experimentado no coletivo memorial, e mais uma vez (inter)subjetivo de ser-com, na operacionalidade de sentido para o si de quem virá. Com isso a expectativa constante de um poder ser sempre.

Esse ponto é delicado em nossa conversa, pois para o ocidente diante de tantas dicotomias, mais uma se instala: a imanência em oposição à transcendência, mas vamos

falar bem pertinho agora. Uma conversa ao pé do ouvido, aos pés do velho *tambu*, sentados embaixo do Baobá como inspirado por Paula Junior (2022). É que para nós afrodescendentes ligados à tradição oral esses campos dialogam e interagem, seja como projeção de ideias ou como sensação do espírito. Essa talvez seja, também, uma outra possibilidade de entender a metafísica. Uma conversa como essa ainda é tão necessária com Heidegger e outros que seguiram suas reflexões sem a ousadia do verdadeiramente outro, capaz de provocar tantas inquietações. Esse outro que incomoda e ameaça certezas, portanto, explicitamente um outro. Diria que os termos utilizados oriundos do idioma grego nem sempre funcionam para nós, penso que efetivamente eles não têm o mesmo sentido, mas pela proximidade e empatia seja possível, com algum esforço, chegar a uma compreensão (em)comum pelo diálogo.

Na tradição oral a perspectiva proximal dos mundos material e espiritual nos acalanta. O nosso retorno à massa biológica comum dos seres na terra não é o fim, aliás a compreensão da canção “*Circle of life*” interpretada por Elton John (1993) com trechos cantados em língua *zulu* no filme “*The Lion King*”, fala sobre a continuidade da vida transformada e *ad aeternum*, existe nesta canção elementos da epistemologia africana que atravessaram o atlântico. O projeto continua, o sonho permanece e a morte física é uma parte não controlada desse processo. No entanto, nos preparamos para ele na própria “escola da vida”, como diz Hampaté Bâ (2010), em que o *Dasein* nasce, mas, também, morre diariamente em seu adoecimento e envelhecimento de um corpo que se despede todos os dias do que foi a aurora de sua condição de *erê* = criança.

Por isso o outro tão importante, embora desafiador. Não há vida sem o outro. Não se pode estar bem se o outro está mal. A vida somente tem sentido pelo outro e com o outro. Sigamos em nosso *Dasein* sorrindo, mas sabendo que o choro está perto e o “futuro” nos espreita.

Ainda tenho um (des)conforto com Heidegger e lamento que talvez ele mesmo não tenha em sua historicidade experimentado o que a sua racionalidade projetou. Porém, graças ao fato de ter contemplado a natureza e nela ter encontrado sentido, essa razão foi possível. E, mesmo que intelectualmente buscando entender o ser em natureza ainda tenha tropeçado em suas próprias pernas ao não reconhecer o humano em seu *devoir* em todas as pessoas do seu tempo, houve uma contribuição significativa do seu *logos* para o mundo. Mesmo que



para mim, um *omó* = filho da tradição oral, a inteireza do ser humano em sua historicidade exija um equilíbrio e harmonia entre o pensamento, a palavra e a ação, é justo reconhecer a relevância de Heidegger para uma (re)conciliação de sentido do ser, sobretudo diante dos desafios de mundo que se apresentam. É preciso restabelecer o equilíbrio no mundo assim ensinam alguns dos *itans* de *Exu* como refletem Sálami e Ribeiro (2011).

Me desculpe Heidegger, mas se o compreendi ou não de alguma forma foi pela minha facticidade histórica, na qual, com certeza, você encontraria muitas rejeições, sobretudo em nossa aproximação. De qualquer modo, nos encontramos em um tempo histórico de palavras escritas, pensadas e sentidas no interior do estado de São Paulo em pleno verão e por meio de dois brasileiros, seus estudiosos. Com certeza uma situação inimaginável para você em seu ente histórico, mas possível, como aconteceu, ao *Dasein*. Espero que em sua jornada aqui e acolá a compreensão e o poder ser em movimento permitam a sensibilização no encontro entre dois mundos. Quero prosear mais vezes. Enquanto isso, rimos de nós mesmos e dos (des)caminhos de nossas jornadas de (re)encontros.

CONCLUSÃO? PARA QUÊ?

Pronto! Chegamos ao fim de um curso de verão. Estamos quase lá para o banquete, alguns ainda desconfiados e até diluídos em um misto de simpatia e antipatia, tendo *pathos* como forma. Tudo bem, agora já não importa mais. Já se fez a aproximação, e como diz a tradição oral, “todos já sabem que estão entramados”. E gostando da ideia ou não, fomos transformados. Quem sabe após a celebração do pão da vida sejamos mais comuns entre nós. Vamos agora nos servir. Venham! Comamos. Que seja coletivo, mas esperamos pelo “(em)comum”, a vida. De novo, riam e gozem.

Assim, torne mais leve o fardo, divida-o, compartilhe dores e amores, sem mágoas. A poesia nos solicita coragem sensível, determinação para o que não se sabe, vontade para ser e desejo por continuar além de si, em um lugar no tempo que virá. De algum modo, lá vou estar como sempre estive. Afinal, “*Exu* matou um pássaro ontem com a pedra que somente atirou hoje”. *Dasein. Axé Muntu!*



REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ed. São Paulo: Educ, 2014.
- BARBOSA, Muryatan S. **A razão africana**: Breve história do pensamento africano contemporâneo. São Paulo: Todavia, 2020.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 1974.
- CIORAN, Emil. **O livro das ilusões**. São Paulo: Editora Rocco, 2014.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofias del sur: Descolonización y transmodernidad**. México: Akal, 2015.
- GIL, Gilberto. **O eterno Deus Mu dança**. Rio de Janeiro. Álbum: *The eternal God of change*. Gravadora: *Warner music*. 1989. 5m48s.
- GIL, Gilberto. **Chuck Berry Fields Forever**. *Montreaux*, Suíça. Álbum: Ela ao vivo em *Montreaux Jazz Festival*. Gravadora *WEA, Elektra*. 1978. 9m19s.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Tradição Viva**. In: História Geral da África 1: Metodologia e pré história da África. 2ed. Brasília: Unesco, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas-SP: Editora da Unicamp; Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012.
- JOHN, Elton. **Circle of life**. Santa Mônica-USA. Álbum: *Single*. Gravadora: Mercury. 1993. 4m.51s
- MARANDOLA JR, Eduardo. **Fenomenologia do ser - situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MAZRUI, Ali (editor). **História Geral da África 8: A África desde 1935**. Brasília: Unesco, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo: Zahar, 2021.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- O REI LEÃO**. Diretor: Jon Favreau. Produção: *Walt Disney Studios.*: Califórnia-USA: *Disney* 2019.
- PAULA JUNIOR, Antonio Filogenio de. **Saberes no pé do tambu**. Rio de Janeiro: Malê



Edições, 2022.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana**. Ensaios filosóficos. Rio de Janeiro, v.IV, out.2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAFRANSKI, Rudiger. **Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SÀLÁMI, Sikiru; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TOQUINHO. **Aquarela**. Rio de Janeiro. Álbum: Aquarela. Ariola. 1983. 4min15s.